

Ver
Gu
por
Esc
con
já s
sent
teir
dad
dep
bal,
sim
aco
gen
che
das
de S
que
sang
filei
graç
reve
sódic
uma
pode
o pe
da p
histó

A legenda de São Julião Hospitaleiro

I

O pai e a mãe de Julião viviam num castelo no meio dos bosques, sobre a encosta de uma colina.

As quatro torres dos cantos tinham tetos pontiagudos, recobertos de telhas de chumbo em forma de escamas, e a base das muralhas apoiava-se em rochas maciças, que se precipitavam abruptamente até o fundo dos fossos.

As lajes do pátio eram limpas como o ladrilho de uma igreja. Calhas compridas, figurando dragões de goela para baixo, cuspiam a água das chuvas para a cisterna; e no beiral das janelas, em todos os andares, num vaso de cerâmica pintada, um manjeriço ou um heliotrópio florescia.

Uma cerca feita de estacas continha primeiro um pomar, em seguida um canteiro, onde combinações de flores desenhavam números, depois uma latada em arco para se tomar ar fresco e um jogo de malha que servia à diversão dos pajens. Do outro lado encontravam-se o canil, os estábulos, o forno para o pão,

o lagar e os celeiros. Um relvado verdejante estendia-se ao redor, rodeado por uma boa sebe de espinheiros.

Viviam em paz havia tanto tempo que não se abaixava mais a grade levadiça; os fossos estavam tomados de mato; as andorinhas faziam ninho na fenda das ameias; e o arqueiro, que andava o dia inteiro pela amurada, voltava para a torre de vigia assim que o sol ficava forte demais, e dormia como um monge.

No interior, as ferragens reluziam por toda parte; as tapeçarias dos quartos protegiam do frio; e os armários transbordavam de roupa, os tonéis de vinho empilhavam-se nas caves, as arcas de carvalho estalavam sob o peso dos sacos de dinheiro.

Viam-se na sala de armas, entre os estandartes e os troféus de animais selvagens, armas de todos os tempos e de todas as nações, das fundas amalecitas e das zagaias garamantes aos montantes sarracenos e às cotas de malha normandas.

O maior espeto da cozinha podia assar um boi; a capela era suntuosa como o oratório de um rei. Havia até, num recanto afastado, um banho à romana; mas o bom senhor prescindia dele, julgando ser um costume dos idólatras.

Sempre envolto numa peliça de raposa, ele andava pela casa, dispensava justiça entre seus vassalos, apaziguava as querelas de seus vizinhos. Durante o inverno, via cair os flocos de neve ou pedia que lessem histórias. Nos primeiros dias de tempo bom, saía com sua mula pelas veredas, ao longo dos campos que verdejavam, e conversava com os camponeses, a quem dava conselhos. Depois de muitas aventuras, tomara por esposa uma donzela de alta linhagem.

Era muito branca, um pouco séria e ativa. As pontas de sua capelina raspavam no lintel das portas, a cauda de seu vestido de lã arrastava-se três passos atrás dela. Sua vida era regrada como no interior de um monastério; cada manhã, distribuía as tarefas entre

suas criadas, cuidava das geléias e dos unguentos, fiava na roca ou bordava toalhas de altar. De tanto rogar a Deus, veio-lhe um filho.

Houve então grandes festejos, e um banquete que durou três dias e quatro noites, à luz de tochas, ao som de harpas, sobre um tapete de folhagem. Serviram-se as mais raras especiarias e frangos gordos como carneiros; por pilhéria, um anão saltou de dentro de uma torta; e, as escudelas não dando mais conta, pois a multidão crescia sem parar, foi preciso beber em olifantes e elmos.

A jovem mãe não assistiu a essas festas. Deixou-se ficar na cama, tranqüilamente. Uma noite, acordou e percebeu, sob um raio de lua que entrava pela janela, uma sombra que parecia se mover. Era um velho em hábito de burel, com um rosário à cintura, um bernal sobre os ombros, toda a aparência de um eremita. Aproximou-se do leito e disse, sem descerrar os lábios:

— Alegra-te, ó mãe! Teu filho será um santo!

Ela quase gritou; mas, deslizando sobre o raio de lua, ele ascendeu suavemente, depois desapareceu. As canções do banquete ressoaram mais fortes. Ela ouviu vozes de anjos, e sua cabeça recaiu sobre o travesseiro, encimado por um osso de mártir em moldura de rubis.

No dia seguinte, todos os criados interrogados declararam não ter visto o eremita. Sonho ou realidade, aquilo devia ser uma mensagem dos céus; mas ela cuidou de não dizer nada, temendo que a acusassem de soberba.

Os convivas partiram ao nascer do dia; e o pai de Julião se encontrava além do postigo, aonde conduzira o último deles, quando de repente um mendigo surgiu a sua frente, no meio da neblina. Era um cigano de barba trançada, com argolas de prata nos dois braços e pupilas flamejantes. Balbuciou com ar inspirado essas palavras sem nexos:

– Ah, ah! Teu filho! Muito sangue! Muita glória! Sempre feliz! Família de imperador!

E, inclinando-se para recolher a esmola, meteu-se na relva, sumiu.

O bom castelão espiou à direita e à esquerda, chamou o quanto pôde. Ninguém! O vento soprava e a bruma da manhã se desfazia.

Atribuiu essa visão à cabeça cansada por ter dormido tão pouco. “Se eu falar disso, vão rir de mim”, disse consigo. Mesmo assim, deslumbrava-se com os esplendores destinados a seu filho, por mais que a promessa não fosse clara e que ele duvidasse até de tê-la ouvido.

Os esposos esconderam seus segredos um do outro. Mas ambos cercavam a criança com o mesmo amor; e, respeitando o filho como um escolhido de Deus, tiveram cuidados infinitos com a sua pessoa. Seu leito era acolchoado com a penugem mais fina; uma lamparina em forma de pomba ardia mais acima, continuamente; três amas o acalentavam; e, bem aconchegado em suas fraldas, a face rosada e os olhos azuis, com sua manta de brocado e sua touca cheia de pérolas, parecia um menino Jesus. Os dentes nasceram sem que ele chorasse uma só vez.

Quando fez sete anos, sua mãe lhe ensinou a cantar. Para torná-lo corajoso, seu pai o montou num bom cavalo. O menino sorria de gosto e não tardou a saber tudo sobre cavalos de batalha.

Um velho monge muito erudito ensinou-lhe a Sagrada Escritura, os números árabes, as letras latinas e a fazer pinturas graciosas sobre pergaminho. Trabalhavam juntos, no alto de um torreão, longe do barulho.

Terminada a aula, desciam para o jardim, onde, passeando pausadamente, estudavam as flores.

Por vezes aparecia, marchando no fundo do vale, uma fileira de bestas de carga, tocadas por um homem a pé, trajado à oriental. O castelão, reconhecendo o mercador, mandava um valete a seu encontro. O estrangeiro, tomando confiança, desviava-se da rota; e, levado ao salão, retirava de suas arcas peças de veludo e seda, jóias, arômatas, coisas singulares, de serventia ignorada; no final, o bom homem partia com bom lucro, sem sofrer qualquer violência. Outras vezes, um grupo de peregrinos batia à porta; suas roupas molhadas fumegavam diante da lareira; uma vez saciados, contavam suas histórias: a errância dos navios no mar encapelado, as marchas a pé sobre a areia escaldante, a ferocidade dos pagãos, as cavernas da Síria, a Manjedoura e o Sepulcro. Depois presenteavam o jovem senhor com vieiras de seus mantos.

Volta e meia o castelão festejava com seus velhos companheiros de armas. Enquanto bebiam, recordavam as guerras, os assaltos a fortalezas com o estrépito das máquinas e as feridas prodigiosas. Julião os escutava e soltava gritos; nessas horas, seu pai não duvidava de que mais tarde seria um conquistador. Mas à tarde, ao sair do ângelus, quando passava entre os pobres arqueados, abria sua bolsa com tanta modéstia e com um ar tão nobre que sua mãe já contava tê-lo algum dia como arcebispo.

Seu lugar na capela ficava ao lado de seus pais; e, por demorados que fossem os serviços, ficava de joelhos em seu genuflexório, de mãos juntas, o barrete no chão.

Um dia, durante a missa, percebeu, ao levantar a cabeça, uma ratazana branca que saía de um buraco na parede. Ela trotou sobre o primeiro degrau do altar e, depois de dois ou três giros à direita e à esquerda, fugiu para o seu canto. No domingo seguinte, perturbou-se com a idéia de que a veria de novo. Ela voltou,

e todo domingo Julião a esperava, importunava-se, tomou ódio e resolveu livrar-se dela.

Assim, tendo fechado a porta e semeado migalhas de bolo sobre os degraus, ele se postou diante do buraco, com um porrete na mão.

Muito tempo depois, apareceu um focinho rosado, depois a ratazana inteira. Ele desferiu um golpe leve e ficou estupefato diante daquele corpinho que não se mexia mais. Uma gota de sangue manchava o ladrilho. Enxugou-a rapidamente com a manga da camisa, jogou fora a ratazana e não disse nada a ninguém.

Toda espécie de passarinhos ciscava grãos no jardim. Teve a idéia de colocar ervilhas dentro de um caniço oco. Quando ouvia um gorjeio nas árvores, aproximava-se suavemente, levantava o tubo, inflava as bochechas e os bichinhos choviam sobre seus ombros em tal número que ele não conseguia refrear o riso, feliz com a própria astúcia.

Certa manhã, voltando pela amurada, viu na crista do paredão um pombo gordo que se fartava de sol. Julião deteve-se a observá-lo; como havia uma brecha nesse lugar, uma lasca de pedra encontrou-se em sua mão. Girou o braço, e a pedra abateu o pássaro, que tombou a prumo no fosso.

Julião precipitou-se para baixo, arranhando-se nas moitas, rebuscando em toda parte, mais lesto que um cão jovem.

O pombo, de asas quebradas, palpitava, suspenso nos galhos de uma alfena.

A persistência de sua vida irritou o menino. Pôs-se a estrangulá-lo; e as convulsões da ave faziam palpitar seu coração, enchiam-no de uma volúpia selvagem e tumultuosa. No espasmo final, sentiu que desmaiava.

À noite, durante o jantar, seu pai declarou que chegara a idade de aprender a caçar; e foi procurar um velho calhamaço, contendo, em forma de perguntas e respostas, toda a suma das caçadas. Um mestre expunha a seu aluno a arte de treinar os cães e adestrar os falcões, de colocar armadilhas, de reconhecer o cervo por seu excremento, a raposa por suas pegadas, o lobo por seus rastros, o bom modo de discernir suas trilhas, de que modo são levantados, onde se encontram seus refúgios costumeiros, quais são os ventos mais propícios, com a enumeração de seus gritos e as regras de retalho da presa.

Quando Julião conseguiu recitar de cor todas essas coisas, seu pai lhe reuniu uma matilha.

De início, distinguiam-se vinte e quatro galgos barbarescos, mais velozes que gazelas, bem capazes de desembestar; depois, dezessete pares de bretões, sarapintados de branco sobre vermelho, inabaláveis em sua obediência, fortes de peito e bons de latido. Para o ataque ao javali e as fugas perigosas, havia quarenta grifões, peludos como ursos. Os mastins da Tartária, quase tão altos como asnos, cor de fogo, costado largo e jarrete alinhado, destinavam-se à perseguição dos auroques. O manto negro dos *spaniels* reluzia como seda; o ladrar dos *talbots* igualava-se ao dos lebréus cantadores. Num pátio separado, rugiam, sacudindo suas coleiras e revirando os olhos, oito dogues alanos, animais formidáveis que saltam ao ventre dos cavaleiros e não têm medo dos leões.

Todos comiam pão de trigo, bebiam em cochos de pedra e levavam nomes sonoros.

O plantel de falcões talvez superasse a matilha; o bom senhor, abastado que era, havia reunido terços do Cáucaso, sacres da Babilônia, gerifaltes da Alemanha e falcões-peregrinos capturados em falésias à margem de mares frios, em longínquos países.

Viviam num galpão coberto de colmo e, presos ao poleiro por ordem de tamanho, tinham à frente um quadrado de relva, ao qual eram levados de vez em quando para se espertar.

Redes, ganchos, estrepes, todo tipo de aparelho foi confeccionado.

Com freqüência, levavam ao campo os perdigueiros, que logo amarravam a caça. Então, os batedores, avançando passo a passo, estendiam com precaução uma imensa rede sobre seus corpos impassíveis. A um comando, começavam a latir; as codornas levantavam vôo; e as damas dos arredores, convidadas com seus maridos, seus filhos, suas camareiras, todos se jogavam em cima e as capturavam facilmente.

Outras vezes, para desentocar as lebres, batiam-se tambores; as raposas caíam nos buracos, ou então uma armadilha, destruindo-se, apanhava um lobo pela pata.

Mas Julião desprezou esses cômodos artificios; preferia caçar longe de todos, com seu cavalo e seu falcão. Este era quase sempre uma grande ave da Cítia, branca feito neve. Seu capuz de couro era encimado por um penacho, anéis de ouro chacoalhavam em suas patas azuis; ele se mantinha rijo sobre o braço de seu mestre, enquanto o cavalo galopava e as planícies se sucediam. Julião, desamarrando os piós, lançava-o de repente; o animal ousado subia pelo céu como uma flecha; e viam-se duas manchas desiguais girar, se unir, depois desaparecer nas alturas azuis. O falcão não tardava a descer, despedaçando algum pássaro, e voltava a pousar sobre a luva, as duas asas frementes.

Julião caçou assim a garça real, o milhafre, a gralha, o abutre.

Gostava de soar a trompa e seguir seus cães, que corriam pela encosta das colinas, saltavam os riachos, voltavam ao bosque; quando o cervo começava a gemer sob as mordidas, ele o abatia

prontamente e então deleitava-se com a fúria dos mastins que o devoravam, cortado em pedaços sobre a pele ainda fumegante.

Nos dias de bruma, metia-se num brejo, onde ficava à espreita de gansos, lontras e patos selvagens.

Três escudeiros, desde a aurora, esperavam-no ao pé da escadaria; e o velho monge, inclinando-se em sua lucarna, bem que fazia sinais para chamá-lo de volta; Julião nem se virava. Saía ao sol ardente, sob a chuva, em meio à tempestade, bebia a água das nascentes na cava da mão, comia maçãs silvestres sem deter o trote, repousava sob um carvalho quando estava cansado; e chegava no meio da noite, coberto de sangue e de lama, com espinhos nos cabelos e exalando o cheiro dos animais selvagens. Tornou-se como eles. Quando sua mãe o apertava contra si, aceitava friamente o abraço, parecendo sonhar coisas profundas.

Matou ursos a punhaladas, touros com o machado, javalis com o chuço; e mesmo, certa vez, não tendo mais que um bastão, defendeu-se dos lobos que roíam cadáveres ao pé de uma forca.

Certa manhã de inverno, Julião partiu antes que o dia raiasse, bem equipado, uma balestra ao ombro e um feixe de flechas no arção da sela.

Seu ginete dinamarquês, seguido de dois bassês que andavam no mesmo passo, fazia ressoar a terra. As gotas de orvalho se colavam a seu manto, um vento norte soprava. Um lado do horizonte ficou mais claro; e, na brancura da penumbra, ele percebeu coelhos que saltavam à beira de suas tocas. Os dois bassês, sem demora, precipitaram-se sobre eles; e, aqui e ali, animadamente, quebravam-lhes a espinha.

Logo entrou por um bosque. Na ponta de um galho, um galo silvestre entorpecido pelo frio dormia com a cabeça sob as

asas. Julião, num golpe de revés com a espada, decepou-lhe as duas patas e, sem o recolher, continuou sua rota.

Três horas mais tarde, encontrou-se no cimo de uma montanha tão alta que o céu parecia quase negro. À sua frente, um rochedo semelhante a um paredão despenhava-se, pendendo sobre um precipício; e, na extremidade, dois bodes selvagens olhavam para o abismo. Como não tinha suas flechas (pois o cavalo ficara para trás), pensou em descer até eles; meio curvado, de pés descalços, alcançou o primeiro dos bodes e cravou um punhal entre suas costelas. O segundo, aterrorizado, saltou para o vazio. Julião atirou-se para golpeá-lo e, escorregando com o pé direito, caiu sobre o cadáver do outro, a face para o abismo e os braços abertos.

Retornando à planície, seguiu os chorões que bordejavam um rio. Os grouns, voando bem baixo, vez por outra passavam sobre sua cabeça. Julião golpeava-os com seu chicote e não perdia nenhum.

Nesse meio tempo, o ar mais quente derretera a geada, nuvens de vapor fluuavam, e o sol apareceu. Viu reluzir ao longe um lago congelado, que parecia de chumbo. No meio do lago, havia um animal que Julião não conhecia, um castor de focinho negro. Apesar da distância, uma flecha o abateu; e Julião ficou triste de não poder levar a pele.

Em seguida, avançou por uma alameda de grandes árvores, que formavam com suas cumeeiras uma espécie de arco do triunfo à entrada de uma floresta. Um cabrito saltou de um matagal, um gamo apareceu numa encruzilhada, um texugo saiu de um buraco, um pavão abriu a cauda sobre a relva; e, depois de os matar todos, outros cabritos apresentaram-se, outros gamos, outros texugos, outros pavões, e melros, gaios, doninhas, raposas, ouriços, lince, uma infinidade de animais, a cada instante mais

numerosos. Rondavam-no, trêmulos, com um olhar cheio de suavidade e de súplica. Mas Julião não se cansava de matar, tornando a armar sua balestra, desembainhando a espada, estocando com o facão, e não pensava em nada, não lembrava de coisa alguma. Estava caçando numa região qualquer, há um tempo indeterminado, pelo simples fato de existir, tudo se cumprindo com a facilidade que se tem nos sonhos. Um espetáculo extraordinário deteve-o. Um bando de cervos ocupava um vale em forma de arena; e, amontoados, um perto do outro, aqueciam-se com seu hálito, que fumegava em meio à neblina.

A esperança de um tal morticínio sufocou-o de prazer durante alguns minutos. Então desmontou do cavalo, arregaçou a camisa e se pôs a atirar.

Ao sibilar da primeira flecha, todos os cervos voltaram-se de uma só vez. Abriram-se clarões em sua massa; vozes queixosas se elevavam, e um grande movimento agitou o bando.

A encosta do vale era alta demais para ser transposta. Eles saltavam no cercado, procurando escapar. Julião mirava, atirava; e as flechas caíam como os raios de um temporal. Os cervos enfurecidos se batiam, se empinavam, pulavam uns por cima dos outros; e seus corpos, com as galhadas entrelaçadas, formavam um montículo esparramado, que desabava ao se deslocar.

Enfim morreram, deitados sobre a areia, com baba nas narinas, as entranhas de fora, e a ondulação de suas barrigas diminuindo aos poucos. Depois, tudo ficou imóvel.

A noite estava para chegar; e por trás do bosque, nos intervalos dos ramos, o céu parecia vermelho como um lençol de sangue.

Julião encostou-se numa árvore. Contemplava com olhar pasmo a enormidade do massacre, sem compreender como pudera praticá-lo.

Do outro lado do vale, à beira da floresta, percebeu um cervo, uma corça e um veado.

O cervo, que era negro e de tamanho monstruoso, tinha dezesseis ramos na galhada e uma barbicha branca. A corça, clara como as folhas mortas, pastava na relva; e o veado malhado, sem interromper a marcha, mamava em sua teta.

A balestra novamente zuniu. O filhote foi o primeiro a morrer. Então sua mãe, olhando para o céu, bramiu com uma voz profunda, dilacerante, humana. Julião, exasperado, estendeu-a por terra com uma flecha no meio do peito.

O grande cervo avistara-o, deu um salto. Julião atirou contra ele sua última flecha. Ela o atingiu na frente, e ali ficou plantada.

O grande cervo não pareceu senti-la; cavalgando por cima dos mortos, avançava sempre, ia carregar sobre ele, estripá-lo; e Julião recuava, num pavor indizível. O prodigioso animal deteve-se; e, com os olhos flamejantes, solene como um patriarca e como um justiceiro, repetiu três vezes, enquanto um sino batia ao longe:

– Maldito! Maldito! Maldito! Um dia, coração feroz, assassinarás teu pai e tua mãe!

Dobrou os joelhos, fechou suavemente as pálpebras e morreu.

Julião ficou estupefato, depois foi vencido por um súbito cansaço; e um asco, uma tristeza imensa o invadiu. O rosto entre as mãos, chorou por muito tempo.

Seu cavalo perdera-se; seus cães haviam-no abandonado; a solidão que o envolvia parecia ameaçá-lo com perigos indefinidos. Então, impelido pelo medo, saiu correndo pelos campos, escolheu uma vereda ao acaso e encontrou-se quase imediatamente à porta do castelo.

À noite, não dormiu. Sob o vacilar da lamparina suspensa, revia sempre o grande cervo negro. Sua profecia obcecava-o;

debatia-se contra ela. “Não, não, não! Não posso matá-los!”, e depois pensava: “Mas se eu quisesse...?”, e temia que o Diabo lhe instilasse a vontade.

Durante três meses, a mãe angustiada rezou à sua cabeceira, e o pai, gemendo, andava continuamente pelos corredores. Chamou os médicos mais famosos, que prescreveram uma infinidade de drogas. A doença de Julião, diziam, tinha por causa um vento funesto ou um desejo de amor. Mas o jovem, a todas as questões, balançava a cabeça.

Suas forças retornaram; e levavam-no a passear pelo pátio, o velho monge e o bom senhor sustentando-o pelos braços.

Quando se restabeleceu completamente, teimou em não caçar mais.

Seu pai, querendo alegrá-lo, presenteou-o com uma grande espada sarracena.

Ela ficava no alto de um pilar, em uma panóplia. Para alcançá-la, precisaram de uma escada. Julião subiu nela. A espada, pesada demais, escapou-lhe entre os dedos e, ao cair, roçou o bom senhor tão de perto que sua opalanda se cortou; Julião pensou ter matado seu pai e desfaleceu.

Daí em diante, teve medo das armas. Empalidecia à visão do ferro nu. Essa fraqueza era uma desolação para a família.

Por fim, o velho monge, em nome de Deus, da honra e dos ancestrais, ordenou-lhe que retomasse seus exercícios de fidalgo.

Os escudeiros, todos os dias, divertiam-se com o manejo do dardo. Julião logo destacou-se. Lançava o seu no gargalo das garrafas, quebrava as pás dos cata-ventos, acertava a cem passos os pregos das portas.

Certa noite de verão, à hora em que a bruma torna as coisas indistintas, estando sob a latada do jardim, percebeu ao fundo duas

asas brancas que adejavam à altura das ripas. Não teve dúvida de que era uma cegonha; e lançou seu dardo.

Um grito dilacerante ressoou.

Era sua mãe, cuja capelina de abas longas ficou pregada na parede.

Julião fugiu do castelo e não reapareceu mais.

II

Alistou-se numa tropa de aventureiros que passavam por ali.

Conheceu a fome, a sede, as febres e os vermes. Acostumou-se ao fragor das investidas, ao aspecto dos moribundos. O vento curtiu sua pele. Seus membros se endureceram ao contato das armaduras; e como era muito forte, corajoso, sóbrio, ponderado, obteve sem esforço o comando de uma companhia.

No começo das batalhas, incitava seus soldados com um grande floreio de espada. Com uma corda cheia de nós, escalava de noite as muralhas das cidadelas, sacudido pela tempestade, enquanto fagulhas de fogo grego colavam-se a sua couraça e a resina fervente e o chumbo fundido jorravam das ameias. Muitas vezes o choque de uma pedra despedaçou seu escudo. Pontes apinhadas de homens ruíram a seus pés. Girando a maça, livrou-se de quatorze cavaleiros. Derrotou, na liça, todos que o desafiaram. Mais de vinte vezes tiveram-no por morto.

Graças ao favor divino, escapou sempre; pois ele protegia a gente da Igreja, os órfãos, as viúvas e principalmente os velhos. Quando via um andando a sua frente, gritava a fim de lhe ver as feições, como se tivesse medo de matá-lo por engano.

Escravos em fuga, camponeses revoltados, bastardos sem

fortuna, todo tipo de intrépidos afluíram a sua bandeira, e assim reuniu um exército.

O exército cresceu. Julião ficou famoso. Chamavam por ele.

Um atrás do outro, socorreu o delfim da França e o rei da Inglaterra, os templários de Jerusalém, o surena dos Partas, o negus da Abissínia e o imperador de Calicute. Combateu os escandinavos recobertos de escamas de peixe, os negros munidos de broquéis de couro de hipopótamo e, montados sobre asnos vermelhos, os indianos de pele dourada, brandindo por cima dos diademas seus longos sabres, mais claros que espelhos. Venceu os Trogloditas e os Antropófagos. Atravessou terras tão quentes que, sob o sol ardente, os cabelos pegavam fogo por si sós, como tochas; e ainda outras, tão glaciais que os braços, destacando-se do corpo, caíam por terra; e países onde havia tanto nevoeiro que se caminhava cercado de fantasmas.

Repúblicas em dificuldades consultaram-no. Nas entrevistas com os embaixadores, obtinha condições inesperadas. Se um monarca se conduzia muito mal, chegava logo em seguida e dirigia-lhe reprimendas. Libertou povos. Soltou rainhas aprisionadas em torres. Foi ele, e não um outro qualquer, que matou a serpente alada de Milão e o dragão de Oberbirbach.

Acontece que o imperador da Ocitânia, tendo triunfado sobre os Muçulmanos espanhóis, unira-se em concubinato com a irmã do califa de Córdoba; daí tivera uma filha, que criara como cristã. Mas o califa, fingindo querer se converter, veio visitá-lo, acompanhado de escolta numerosa, massacrou toda a guarnição e o jogou no fundo de um calabouço, onde o tratava duramente, a fim de lhe extirpar tesouros.

Julião acorreu em ajuda, destruiu o exército dos infiéis, sitiou a cidade, matou o califa, cortou sua cabeça e a jogou como uma

bola por cima das muralhas. Depois, tirou o imperador de seu cativo e o reconduziu ao trono, na presença de toda a corte.

O imperador, como prêmio por tal serviço, ofereceu cestos de dinheiro; Julião não quis nada. Julgando que desejasse ainda mais, ofereceu três quartos de suas riquezas; nova recusa; quis partilhar o reino; Julião agradeceu; e o imperador chorava de despeito, não sabendo a maneira de testemunhar seu reconhecimento, quando deu um tapa na testa, disse uma palavra ao ouvido de um cortesão; um par de tapeçarias se levantou, e uma jovem apareceu.

Os grandes olhos negros brilhavam como duas chamas suaves. Um sorriso encantador separava os lábios. Os cachos da cabeleira enroscavam-se nas pedras preciosas do manto entreaberto; e, sob a transparência de sua túnica, adivinhava-se a juventude de seu corpo. Era graciosa e bem-torneada, com a cintura fina.

Julião ficou cego de amor, tanto mais porque levava até então uma vida muito casta.

Assim recebeu em matrimônio a filha do imperador, mais um castelo que ela herdara da mãe; e, terminadas as bodas, partiram com infinitas demonstrações de gentileza.

O palácio era de mármore branco, construído à mouresca, sobre um promontório, no meio de um bosque de laranjeiras. Os canteiros de flores desciam até as margens de um golfo, onde conchas cor-de-rosa estalavam sob os passos. Por trás do castelo estendia-se uma floresta em forma de leque. O céu era continuamente azul, e as árvores inclinavam-se ora à brisa do mar, ora ao vento das montanhas, que fechavam ao longe o horizonte.

Os aposentos, cheios de penumbra, eram iluminados pelas incrustações nas paredes. Colunas altas, finas como caniços, sustentavam o arco das cúpulas, decoradas com relevos imitando as estalactites das grutas.

Havia chafarizes nos salões, mosaicos nos pátios, tabiques floridos, mil requintes de arquitetura, e em toda parte um tal silêncio que se escutava o roçar de uma echarpe ou o eco de um suspiro.

Julião não guerreava mais. Repousava rodeado por um povo tranqüilo; e a cada dia uma multidão passava diante dele, com genuflexões e beija-mãos à oriental.

Vestido de púrpura, debruçava-se no vão de uma janela, recordando as caçadas de outrora; e gostaria de correr pelo deserto atrás de avestruzes e gazelas, esconder-se entre bambus à espreita de leopardos, atravessar florestas cheias de rinocerontes, chegar ao cume dos picos mais inacessíveis para melhor mirar as águias, e sobre os gelos do mar combater os ursos brancos.

Por vezes, num sonho, via-se como nosso pai Adão no meio do Paraíso, entre todos os animais; estendendo o braço, fazia-os morrer; ou então eles desfilavam, dois a dois, por ordem de tamanho, dos elefantes e dos leões aos arminhos e aos patos, como no dia em que entraram na arca de Noé. À sombra de uma caverna, disparava sobre eles dardos infalíveis; vinham outros; a coisa não acabava; e ele despertava revirando os olhos selvagens.

Príncipes amigos convidaram-no a caçar. Recusou sempre, julgando, com essa penitência, afastar o infortúnio; pois pensava que da matança dos animais dependia o destino dos pais. Mas sofria por não os ver, e sua outra vontade tornava-se insuportável.

A mulher, para distraí-lo, chamou jograis e dançarinas.

Passeavam em liteira aberta pelos campos; outras vezes, deitados a bordo de uma chalupa, viam os peixes vagando pela água clara como o céu. Muitas vezes ela lhe jogava flores no rosto; a seus pés, tangia árias numa mandolina de três cordas; depois, apoiando-se em seu ombro com as mãos juntas, dizia com voz tímida: "Mas o que tens, meu senhor?"

Ele não respondia, ou rompia em soluços; por fim, um dia, revelou seus terríveis pensamentos.

Ela os combateu com bons argumentos: seu pai e sua mãe, provavelmente, estavam mortos; se alguma vez os revisse, por qual acaso, com que fim chegaria ele a tal abominação? Assim, o medo não tinha razão de ser, e ele devia tornar a caçar.

Julião sorria enquanto a escutava, mas não se decidia a satisfazer seu desejo.

Numa noite do mês de agosto, estando em seu quarto, ela acabava de se deitar e ele se ajoelhava para a rezar quando ouviu o ladrar de uma raposa, depois os passos leves sob a janela; e adivinhou na escuridão o que pareciam silhuetas de animais. A tentação era forte demais. Tirou o carcás do gancho.

Ela pareceu surpresa.

— É só para te obedecer — disse ele —, estarei de volta ao raiar do dia.

Mesmo assim, ela temia uma aventura funesta.

Ele a tranqüilizou, depois saiu, espantado com a inconseqüência de seu humor.

Pouco tempo depois, um pajem veio anunciar que dois desconhecidos, na ausência do senhor, chamavam com urgência pela senhora.

E logo entraram no quarto um velho e uma velha, encurvados, empoeirados, em roupas de pano grosseiro e apoiando-se cada qual num bastão.

Tomaram coragem e declararam que traziam a Julião notícias de seus pais.

Ela se inclinou para escutá-los.

Contudo, consultando-se com o olhar, perguntaram-lhe se ele ainda os amava, se falava deles às vezes.

— Sim, sim! — disse ela.

Então exclamaram:

— Pois bem, somos nós! — e se sentaram, estando muito fracos e tomados pelo cansaço.

Nada assegurava à jovem que seu esposo fosse o filho deles. Forneceram-lhe a prova, descrevendo sinais particulares que Julião tinha na pele.

Ela saltou da cama, chamou o pajem, e serviram-lhes uma refeição.

Por mais que tivessem muita fome, não conseguiam comer nada; e ela observava furtivamente o tremor de suas mãos ossudas erguendo os cálices.

Fizeram mil perguntas sobre Julião. Ela respondia a todas, mas cuidou de calar a idéia fúnebre que lhes dizia respeito.

Vendo que ele não retornava, tinham partido de seu castelo; e andavam havia anos, por vagos indícios, sem perder a esperança. Fora preciso tanto dinheiro para a passagem dos rios e os albergues, para os impostos dos príncipes e as exigências dos ladrões, que o fundo da bolsa estava vazio, e agora mendigavam. Que importa, se logo abraçariam o filho? Exaltavam a felicidade de ter uma esposa tão gentil e não se cansavam de contemplá-la e beijá-la.

A riqueza do aposento espantava-os; e o velho, examinando as paredes, perguntou por que se via o brasão do imperador da Ocitânia.

Ela replicou:

— É meu pai!

Então ele estremeceu, recordando a profecia do cigano; e a velha pensava nas palavras do ermitão. Sem dúvida a glória do filho era apenas a aurora de esplendores eternos; e ambos ficaram pasmos sob a luz do candelabro que iluminava a mesa.

Deviam ter sido muito bonitos na juventude. A mãe conservava ainda todos os cabelos, cujos cachos finos, parecidos a filetes de neve, pendiam até o contorno da face; e o pai, de estatura alta e barba longa, parecia uma estátua de igreja.

A esposa de Julião insistiu que não o esperassem. Acomodou-os ela mesma em sua cama, depois fechou a janela; eles adormeceram. O dia estava para raiar e, por trás do vitral, os passarinhos começavam a cantar.

Julião atravessara o parque e andava pela floresta num passo nervoso, desfrutando a maciez da relva e a brandura do ar.

As sombras das árvores estendiam-se sobre o musgo. Por vezes, a lua formava manchas brancas nas clareiras, e ele hesitava em avançar, julgando perceber uma poça d'água; ou então a superfície dos brejos tranqüilos confundia-se com a cor da relva. Havia em toda parte um grande silêncio; e ele não encontrava nenhum dos animais que, poucos minutos antes, erravam ao redor do castelo.

O bosque se fechou, a escuridão era profunda. Sopravam lufadas de vento quente, cheias de odores entorpecentes. Meteu os pés num leito de folhas mortas e apoiou-se num carvalho para arfar um pouco.

De repente, às suas costas, saltou uma massa negra, um javali. Julião não teve tempo de pegar seu arco, e affligiu-se como se aquilo fosse um infortúnio.

Depois, tendo saído do bosque, percebeu um lobo que corria por uma aléia.

Julião atirou-lhe uma flecha. O lobo se deteve, virou a cabeça para vê-lo e retomou a carreira. Trotava mantendo sempre a mesma distância, detinha-se de quando em quando e, tão logo era visado, recomeçava a fugir.

Julião percorreu assim uma planície interminável, depois uns montículos de areia, e por fim encontrou-se num platô que dominava um bom pedaço da região. Havia pedras planas espalhadas entre sepulturas em ruínas. Tropeçava sobre ossadas de mortos; aqui e ali, cruces carcomidas pendiam com um aspecto lamentável. Algumas formas agitaram-se na sombra indecisa dos túmulos; e deles saíram hienas assustadas, ofegantes. Raspando as unhas sobre as lápides, vieram até ele e o cheiravam com um esgar que deixava as gengivas à mostra. Elê desembainhou o sabre. Partiram de uma vez em todas as direções e, continuando num galope coxo e precipitado, perderam-se ao longe sob uma nuvem de pó.

Uma hora mais tarde, encontrou numa ravina um touro furioso, que abaixava os chifres e raspava a areia com a pata. Julião assestou sua lança entre as barbelas. Ela se quebrou, como se o animal fosse de bronze; ele fechou os olhos, esperando a morte. Quando os reabriu, o touro havia desaparecido.

Então seu ânimo desabou de vergonha. Um poder superior minava sua força; e, para voltar a casa, entrou de novo na floresta.

Ela se emaranhara de lianas; e Julião as cortava com o sabre quando uma fuinha deslizou bruscamente entre suas pernas, uma pantera saltou por cima de seus ombros, uma serpente subiu em espiral ao redor de um freixo.

Havia em meio à folhagem uma gralha monstruosa, que fitava Julião; cá e lá, surgiram entre os ramos inúmeras centelhas alongadas, como se o firmamento fizesse chover sobre a floresta todas as suas estrelas. Eram olhos de animais, gatos selvagens, esquilos, corujas, papagaios, macacos.

Julião disparou contra eles suas flechas; as flechas e suas plumas pousavam sobre as folhas como borboletas brancas. Atirou-lhes pedras; as pedras, sem nada atingir, voltavam a cair. Ele

praguejou contra si mesmo, gostaria de lutar, berrou imprecações, sufocava de fúria.

E todos os animais que ele perseguira apresentaram-se, fazendo a seu redor um círculo estreito. Uns estavam sentados, outros em pé, com todo seu porte. Ele ficava no meio, enregelado de terror, incapaz do menor movimento. Num esforço supremo da vontade, deu um passo; os que estavam empoleirados nas árvores abriram as asas, os que pisavam a terra deslocaram as patas; e todos o acompanhavam.

As hienas andavam à frente, o lobo e o javali vinham atrás. O touro, a sua direita, balançava a cabeça; e, à esquerda, a serpente ondulava na relva, enquanto a pantera, arqueando o dorso, avançava com passos de veludo e grandes pernadas. Ele seguia o mais lentamente possível para não os irritar; e do fundo das moitas via sair porcos-espinhos, raposas, cobras, chacais e ursos.

Julião pôs-se a correr; eles correram. A serpente sibilava, os animais fétidos babavam. O javali roçava-lhe os calcanhares com as presas, o lobo, a palma de suas mãos com os pêlos do focinho. Os macacos o beliscavam, fazendo caretas, a fuinha rolava entre seus pés. Um urso, com o dorso da pata, tirou-lhe o chapéu; e a pantera, desdenhosamente, deixou cair uma flecha que trazia na bocarra.

Uma ironia transparecia em seu ar ladino. Sem deixar de observá-lo com o canto dos olhos, pareciam meditar um plano de vingança; e, ensurdecido pelo zumbido dos insetos, fustigado pelas caudas dos pássaros, sufocado pelo bafo, ele caminhava com os braços estendidos e os olhos fechados, como um cego, sem força sequer para gritar "Misericórdia!".

O canto de um galo vibrou no ar. Outros responderam; era o dia; e ele reconheceu, além das laranjeiras, a cumeeira do palácio.

Depois, à beira de um campo, viu a três passos algumas perdições vermelhas que esvoaçavam sobre o restolho. Soltou o manto e o jogou sobre elas como uma rede. Quando as descobriu, encontrou uma apenas, e morta havia muito tempo, apodrecida.

Essa decepção o exasperou mais que todas as outras; na falta de animais, gostaria de massacrar homens.

Subiu pelos três canteiros, esmurrou na porta; mas, ao pé da escadaria, a lembrança de sua cara esposa acalmou-lhe o coração. Ela dormia, sem dúvida, e ele faria uma surpresa.

Tendo descalçado suas sandálias, girou suavemente a maçaneta e entrou.

Os vitrais com armação de chumbo obscureciam a palidez da aurora. Julião tropeçou em roupas jogadas no chão; pouco adiante, deu de encontro num ábaco ainda carregado de louça. "Com certeza ela andou comendo", disse consigo; e avançava rumo à cama, perdida na trevas ao fundo do quarto. Quando chegou perto, a fim de abraçar a esposa, ele se inclinou sobre o travesseiro, onde duas cabeças repousavam, uma junto à outra. Então, sentiu na boca o contato de uma barba.

Recuou, julgando-se louco; mas aproximou-se novamente da cama, e seus dedos, apalpando, encontraram cabelos que eram muito longos. Para se convencer de seu erro, repassou a mão sobre o travesseiro, lentamente. Dessa vez, ali estava a barba, e um homem! Um homem deitado com sua esposa!

Irrompendo numa cólera desmesurada, saltou sobre eles com golpes de punhal: e pateava, espumava, com uivos de animal selvagem. Então se deteve. Os mortos, golpeados no coração, não tinham sequer se movido. Escutava atentamente seus estertores quase iguais e, à medida que enfraqueciam, um outro, bem distante, prolongava-os. De início incerta, essa voz lamuriosa, funda,

aproximava-se, ganhava corpo, tornou-se cruel; e ele reconheceu, horrorizado, o bramido do grande cervo negro.

E assim que se virou, julgou ver, no vão da porta, o fantasma de sua esposa, trazendo alguma luz.

Fora atraída pelo vozerio da matança. Num relance, compreendeu tudo e, fugindo aterrorizada, deixou cair sua tocha.

Ele a recolheu do chão.

Seu pai e sua mãe estavam a sua frente, estendidos de costas, com um buraco no peito; e suas faces, de uma suavidade majestosa, pareciam guardar algum segredo eterno. Respingos e placas de sangue se espalhavam sobre sua pele branca, nas roupas de cama, pelo chão, em todo um Cristo de marfim suspenso na alcova. O reflexo escarlate do vitral, agora ensolarado, iluminava essas manchas vermelhas e projetava outras mais em todo o aposento. Julião foi até os dois mortos, dizendo e querendo acreditar que aquilo não era possível, que ele se enganara, que por vezes há semelhanças inexplicáveis. Por fim, inclinou-se levemente para olhar o velho bem de perto; e percebeu, entre as pálpebras mal cerradas, uma pupila extinta que o queimou como um fogo. Depois, foi até o outro lado da cama, ocupada pelo outro corpo, cujos cabelos brancos escondiam uma parte do rosto. Julião passou os dedos por seus cachos, levantou sua cabeça; e fitava-a, sustentando-a com o braço enrijecido, enquanto a outra mão a iluminava com a tocha. Algumas gotas, porejando no colchão, caíam uma a uma sobre o piso.

Ao fim do dia, apresentou-se à esposa; e, com uma voz diferente da sua, ordenou-lhe primeiro que não respondesse, não se aproximasse, não olhasse, e que seguisse, sob pena de danação, todas as suas ordens, que eram irrevogáveis.

Os funerais seriam conduzidos segundo as instruções que

ele deixara por escrito, sobre um genuflexório, no quarto dos mortos. Deixava para ela o palácio, os vassallos, todos os seus bens, sem guardar sequer as roupas do corpo e as sandálias, que se encontrariam no alto da escadaria.

Ela obedecera à vontade de Deus, ocasionando o seu crime, e devia rezar apenas por sua alma, pois dali em diante ele não existia mais.

Enterraram os mortos com magnificência, na igreja de um monastério a três dias de jornada do castelo. Um monge encapuzado seguiu o cortejo, longe de todos os outros, sem que ninguém ousasse lhe falar.

Durante a missa, ele ficou de braços no meio do portal, os braços em cruz e a fronte na poeira.

Após o sepultamento, viram-no tomar o caminho que levava às montanhas. Ele se voltou várias vezes, e acabou por desaparecer.

III

Ele partiu, mendigando a vida pelo mundo.

Estendia a mão aos cavaleiros nas estradas, aproximava-se com vênias dos ceifadores ou ficava imóvel diante do portão das granjas; e seu rosto era tão triste que jamais lhe recusavam a esmola.

Por espírito de humildade, ele contava sua história; todos fugiam, fazendo sinais-da-cruz. Assim que o reconheciam nas aldeias por onde já passara, as portas se fechavam, gritavam-lhe ameaças, jogavam pedras. Os mais caridosos deixavam uma escudela no beiral da janela, depois fechavam os batentes para não vê-lo.

Repellido em toda parte, evitou os homens; e se alimentou de raízes, de plantas, de frutos caídos e de moluscos que procurava pelas praias.

Por vezes, contornando uma colina, via sob seus olhos uma confusão de telhados apertados, com flechas de pedra, pontes, torres, ruas escuras entrecruzando-se, de onde chegava até ele um zumbido contínuo.

A necessidade de se misturar à existência dos outros fazia-o descer à cidade. Mas o ar bestial dos rostos, o barulho das vendas, a indiferença das palavras enregelavam seu coração. Nos dias de festa, quando o sino maior das catedrais alegrava desde a aurora todo o povaréu, ele via os habitantes saírem de suas casas, as danças nas praças, as barracas de cerveja nos cruzamentos, as tapeçarias de damasquim diante da residência dos príncipes e, já de noite, através das vidraças ao rés-do-chão, as longas mesas de família, onde os avós seguravam criancinhas no colo; soluçava até sufocar, e retornava aos campos.

Contemplava com ímpetos amorosos os potros nas pastagens, os pássaros nos ninhos, os insetos sobre as flores; todos, a sua chegada, corriam para longe, escondiam-se apavorados, esvoaçavam bem rápido.

Procurou os ermos. Mas o vento trazia a seu ouvido o que pareciam estertores de agonia; as lágrimas do orvalho, ao caírem por terra, lembravam-lhe outras gotas, bem mais pesadas. O sol, a cada crepúsculo, espalhava sangue pelas nuvens; e toda noite, em sonho, o parricídio recomeçava.

Fez para si um cilício com pontas de ferro. Subiu de joelhos todas as colinas com uma capela no cume. Mas o pensamento impiedoso obscurecia o esplendor dos tabernáculos, torturava-o durante as macerações da penitência.

Não se revoltava contra Deus, que lhe infligira tal ação, e contudo desesperava-se por ter podido cometê-la.

Sua própria pessoa causava-lhe tanto horror que, esperando livrar-se dela, colocou-a em perigo. Salvou paralíticos em incêndios e crianças em precipícios. O abismo rejeitava-o, as chamas poupavam-no.

O tempo não amenizou seu sofrimento, que se tornava intolerável. Resolveu morrer.

E um dia, à beira de uma fonte, inclinando-se para estimar a profundidade da água, viu aparecer a sua frente um velho todo descarnado, de barba branca e aspecto tão lamentável que lhe foi impossível conter as lágrimas. O outro também chorava. Sem reconhecer sua própria imagem, Julião recordava confusamente um rosto parecido àquele. Soltou um grito; era seu pai; não pensou mais em se matar.

Assim, carregando o peso das lembranças, percorreu muitos países; e chegou a um rio cuja travessia era perigosa, por causa de sua violência e dos grandes lamaçais às margens. Havia muito tempo que ninguém mais ousava atravessar ali.

Uma velha barca, de popa encalhada, erguia a proa entre os caniços. Examinando-a, Julião descobriu um par de remos; e veio-lhe a idéia de empregar sua existência a serviço dos outros.

Começou praticando na margem uma espécie de pavimento que permitia a descida até o canal; e machucava as unhas levantando pedras enormes, apoiava-as no ventre para transportá-las, escorregava na lama, atolava-se, várias vezes escapou de morrer.

Em seguida, reparou o barco com destroços de outras embarcações e fez para si uma cabana de barro e troncos de árvores.

A passagem ficou conhecida, os viajantes apareceram. Chamavam-no da outra margem agitando bandeiras; Julião saltava

rápido para a barca. Era muito pesada, e a sobrecarregavam com todo tipo de bagagens e fardos, sem contar os animais de carga que, escoiceando de medo, aumentavam o estorvo. Julião não pedia nada pelo esforço; às vezes lhe davam restos de vitualhas que tiravam do embornal ou roupas usadas que não queriam mais. Os mais brutos vociferavam blasfêmias. Julião repreendia-os com mansidão; e retrucavam-lhe com injúrias. Contentava-se em abençoá-los.

Uma mesinha, um escabelo, uma cama de folhas mortas e três copos de barro, era essa toda a sua mobília. Dois buracos na parede serviam de janelas. De um lado, estendiam-se a perder de vista planícies estéreis, com charcos pálidos aqui e ali; e o grande rio a sua frente ondulava as águas esverdeadas. Na primavera, a terra úmida tinha um cheiro de podridão. Depois, um vento desordenado levantava a poeira em turbilhões. Ela entrava por toda parte, turvava a água, arranhava as gengivas. Um pouco mais tarde, vinham as nuvens de mosquitos, cujos sussurros e picadas não paravam, dia e noite. Em seguida, chegavam as atrozes geadas, que davam às coisas a rigidez da pedra e inspiravam uma vontade irrefreável de comer carne.

Passavam-se meses sem que Julião visse alguém. Muitas vezes ele fechava os olhos, tratando, por meio da memória, de retornar à juventude; e aparecia o pátio de um castelo, com lebréus numa escadaria, valetes na sala de armas e, sob uma latada de videiras, um adolescente de cabelos loiros entre um velho coberto de peles e uma dama de capelina larga; de repente, os dois cadáveres surgiam ali. Julião atirava-se na cama, e repetia em lágrimas:

– Ah, pobre pai! Pobre mãe, pobre mãe! – e caía num torpor em que as visões fúnebres continuavam.

Certa noite, enquanto dormia, julgou ouvir alguém que o chamava. Aprumou o ouvido e não distinguiu mais que o mugir das águas.

Mas a mesma voz repetiu:

– Julião!

Vinha da outra margem, o que lhe pareceu extraordinário, em vista da largura do rio.

Chamaram-no pela terceira vez:

– Julião!

E essa voz alta tinha a entoação de um sino de igreja.

Tendo acendido a lanterna, Julião saiu da cabana. Uma tempestade furiosa tomava a noite. As trevas eram profundas, aqui e ali rasgadas pela brancura das ondas que se erguiam.

Após um minuto de hesitação, Julião desatou a amarra. A água de repente ficou tranqüila, o barco deslizou e tocou a outra margem, onde um homem esperava.

Estava envolto num pano em farrapos, o rosto semelhante a uma máscara de gesso e os dois olhos mais rubros que carvões. Aproximando a lanterna, Julião percebeu que uma lepra horrenda o cobria; apesar disso, tinha no porte a majestade de um rei.

Tão logo entrou, o barco afundou prodigiosamente, esmagado pelo peso; reergueu-se num solavanco; e Julião pôs-se a remar.

A cada golpe de remo, a ressaca levantava a proa. A água, mais negra que tinta, corria com fúria dos dois lados do barco. Ela abria abismos, formava montanhas, e a barca saltava e tornava a descambar nas profundezas, onde girava, sacudida pelo vento.

Julião inclinava o corpo, estendia os braços e, firmando-se com os pés, jogava-se para trás com uma torsão da coluna, para ganhar mais força. O granizo açoitava suas mãos, a chuva escorria

por suas costas, a violência do ar sufocava-o; deteve-se. O barco ficou então à deriva. Entretanto, compreendendo que se tratava de uma coisa considerável, de uma ordem à qual não cabia desobedecer, retomou os remos; e o estalar da forqueta entrecortava o clamor da tempestade.

A pequena lanterna ardia a sua frente. Alguns pássaros esvoaçantes ocultavam-na de vez em quando. Mas ele percebia sempre as pupilas do leproso, que se mantinha rijo na popa, imóvel como uma coluna.

E isso durou muito, muito tempo!

Quando chegaram à cabana, Julião fechou a porta e o viu sentado no escabelo. A espécie de mortalha que o recobria caía até seus quadris; e seus ombros, seu peito, seus braços magros desapareciam sob as placas de pústulas escamosas. Rugas enormes sulcavam seu rosto. Como um esqueleto, tinha um buraco no lugar do nariz; e seus lábios azulados exalavam um hálito espesso como um nevoeiro e nauseabundo.

– Tenho fome! – disse ele.

Julião deu-lhe o que tinha, um velho naco de tocinho e as migalhas de um pão preto.

Quando acabou de devorá-los, a mesa, a escudela e o cabo da faca tinham as mesmas manchas que se viam sobre seu corpo.

Em seguida, disse:

– Tenho sede!

Julião foi procurar a bilha; e, quando a levantou, saiu dela um aroma que dilatou seu coração e suas narinas. Era vinho, que achado! Mas o leproso estendeu o braço e de uma só vez esva-ziou a bilha.

Depois, disse:

– Tenho frio!

Julião, com uma vela, acendeu um feixe de gravetos no meio da cabana.

O leproso veio se aquecer; e, de cócoras, estremecia com todos os membros, enfraquecia; seus olhos não brilhavam mais, suas chagas pustulavam, e ele murmurou, com voz quase extinta:

– Tua cama!

Julião ajudou-o suavemente a se arrastar e até estendeu sobre ele, para cobri-lo, a lona do barco.

O leproso gemia. Os cantos de sua boca deixavam os dentes à mostra, um estertor acelerado sacudia-lhe o peito, e seu ventre, a cada expiração, afundava-se até as vértebras.

Depois ele fechou as pálpebras.

– É como se tivesse gelo nos ossos! Vem para junto de mim!

E Julião, afastando a lona, deitou-se sobre as folhas mortas, junto a ele, lado a lado.

O leproso voltou-se.

– Despe-te para que eu tenha o calor do teu corpo!

Julião tirou suas vestes; em seguida, nu como no dia de seu nascimento, voltou à cama; e sentia contra sua coxa a pele do leproso, mais fria que uma serpente e áspera como uma lima.

Tratava de encorajá-lo; e o outro respondia arfando:

– Ah, vou morrer! Aproxima-te, vem me esquentar! Não com as mãos! Não! Todo o corpo!

Julião estendeu-se por cima completamente, boca na boca, peito no peito.

Então o leproso abraçou-o; e seus olhos subitamente ganharam uma claridade de estrelas; seus cabelos alongaram-se como raios de sol; o sopro de suas narinas tinha a suavidade das rosas; uma nuvem de incenso elevou-se do fogo, as águas cantavam. Enquanto isso, uma abundância de delícias, uma felicidade

sobre-humana descia como uma inundação sobre a alma de Julião desfalecido; e aquele cujos braços o estreitavam não parava de crescer e crescer, tocando com a cabeça e os pés as duas paredes da cabana. O teto se foi, o firmamento se abria; e Julião subiu aos espaços azuis, face a face com Nosso Senhor Jesus Cristo, que o levava ao céu.

Eis aqui a história de São Julião Hospitaleiro, mais ou menos como se encontra num vitral de igreja da minha terra.

Herodiade